

A CRÍTICA TEXTUAL E O POEMA *MINHA INFÂNCIA*, DE CORA CORALINA.

Maria Elizete de Azevedo Fayad
Maria Eugênia Curado

Tenho livros prontos, mas nunca para um escritor o seu livro está realmente pronto, é sempre passível de pequenos reparos.

(Cora Coralina)

Mudam no tempo os materiais de suporte, desde a pedra gravada até às tábuas de madeira ou de barro, para chegar finalmente aos códices de pergaminho e, enfim, de papel: o que não muda é o hábito de transmitir ou de fixar em forma rigorosamente manuscrita qualquer aquisição intelectual.

(Spagiari &Perugi)

Diz o dito popular que “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Embora essa afirmativa se paute no senso comum, comprovam-se, de forma sistemática, transformações em textos impressos e reimpressos, evidenciando que, de fato, há mudanças às vezes substanciais nas edições sucessivas, confirmando, de certa forma, a ciência com “a voz do povo”.

A partir de constatações sobre mudanças textuais, seja por copistas medievais, monges renascentistas, *copy desks* surgiu, de forma paulatina, a Crítica Textual que se propõe a analisar as “modificações [no texto, sofridas] ao longo do [seu] processo de transmissão” e visa, dentre outras formas de contribuição, “a recuperação do patrimônio cultural escrito” (CAMBRAIA, 2005, p. I, 19). Assim, com base nos pressupostos dessa linha de investigação, o escopo do presente trabalho será demonstrar a importância da crítica textual para a crítica literária. Para tal, discorreremos sobre os preceitos que sustentam esse campo de investigação imbricados com demonstrações de caráter pragmático, ou seja, com comparações de textos manuscritos com a segunda obra impressa de Cora Coralina, datada de 1965 cujo título é *Poema dos becos de Goiás e estórias mais*.

Cambraia (2005) afirma que no momento em que são reproduzidos, os textos sofrem modificações sejam voluntárias ou não e a crítica textual vem para buscar a forma original do texto. Diz ainda que as mudanças textuais pertencem a

duas categorias distintas: as exógenas e as endógenas. No primeiro caso, centram-se na modificação da matéria prima isto é, o suporte e/ ou o material em que o texto foi registrado. São fatores externos, ou seja, o clima, a conservação dentre outros elementos e atuam independentemente do seu produtor. No seguinte, pautam-se na origem interna do texto e na sua reprodução em um novo suporte material e podem apresentar modificações autorais ou não. As primeiras são feitas, como a própria palavra diz, pelo autor da obra e as segundas acontecem sem conhecimento ou mesmo autorização do autor. Lembra que as modificações não autorais podem ser voluntárias em razão de acontecerem por "atos deliberados" tais como a censura; involuntárias em virtude de "erros" de cópias. Assim, a crítica textual vem para "explicar a natureza da distorção e evidenciar como deve ser sanada a restituição da forma genuína do texto" (CAMBRAIA, 2005, p. 10). Muitas vezes, as modificações não autorais terminam por modificar o texto de tal forma que cria um novo texto, deturpando o de origem. O estudioso salienta que, tais transformações costumam ocorrer em textos de um passado distante e que as reproduções se fundamentam, sobretudo, em "leituras atualizadas". Contudo, informa-nos que os motivos que levam a tais transformações são heterogêneos e se entrelaçam na "transmissão de cada texto [e] quanto mais ciente o crítico textual estiver das diversas possibilidades, tanto mais preparado estará para desvendar os mistérios da história da transmissão de cada texto" (CAMBRAIA, 2005, p. 12).

O ensaísta salienta que embora não exista consenso, a crítica textual se irmana à edóctica, ou seja, à editoração textual, e à filologia que, desde a antiguidade clássica, possui sentidos diferentes, tais como: amor à palavra, erudição, estudo profundo de uma determinada língua, assumindo, portanto, um caráter polisêmico. No tocante às contribuições, a crítica textual além de preservar, resgatar uma dada cultura, também se preocupa com a restauração dos livros tanto no seu aspecto físico quanto contedístico, além de atualizar determinados suportes, como é o caso do hipertexto, *CD-Rom* ou DVD, ampliando, dessa forma, a comunicabilidade do objeto livro e permitindo outros acessos além do livro em si. Diante disso, esta linha de investigação dá primazia ao texto independentemente do suporte.

A contribuição da crítica textual, para os estudos literários, acontece de maneira efetiva, sobretudo, no momento em que resgata o texto original e "asse-

gura que o crítico literário possa exercer sua função com base em um testemunho que reproduz a forma do texto que o autor lhe deu” (CAMBRAIA, 2005, p. 21), in-do, de certa forma, ao encontro da crítica genética, uma vez que esta como aquela se preocupa com o diálogo do produto final com o texto de origem.

Para ilustrar tal premissa, temos os manuscritos do poema “Minha infância”, presente na obra *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, de Cora Coralina em contraponto à obra entregue ao público. Salienta-se, contudo, que o propósito da crítica textual não deve ser confundido com a genética. Enquanto a primeira visa o resgate do texto original; a segunda se preocupa em entender o processo de criação pelo qual o artista passou. No nosso caso, verifica-se não o processo, mas sim a aproximação entre o texto de origem e a obra impressa. Os poemas a seguir foram transcritos dos manuscritos coralineanos e observa-se que das três versões apenas uma é datada. Contudo, verificando-se o arquivo da Casa de Cora Coralina, nota-se que a poeta possui um trabalho bastante organizado e com poucos rascunhos. Aliás, o poema “Minha infância” é o que possui mais versões. Fonte¹ de convivência com a poeta informa-nos que foi a própria Coralina quem definiu os poemas a serem publicados, em consonância com o editor. Conforme Saggiari e Perugi (2004) os elementos facultadores para que se chegue ao “maior número de informações sobre o texto impresso”, devem passar por análises criteriosas sobre o suporte do objeto, a datação, o conteúdo, pois a verificação de qualquer texto manuscrito independentemente do suporte e o de se aproximar o mais possível do original, ou seja, o resgate do texto de origem.

No caso do poema *Minha infância*, de Cora Coralina, tal reconstituição se torna, de certa maneira, facilitada, uma vez que os manuscritos encontram-se bem conservados, na Fundação Casa de Cora Coralina na Cidade de Goiás, assim como a segunda edição do livro² “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” no qual está a poesia. Ao se confrontar *Minha infância* com a obra impressa, pode-se chegar a algumas conclusões, posteriormente elencadas. Vejamos primeiro, um dos manus-

¹ Profa. Marlene Gomes de Vellasco, atualmente Diretora da Fundação da Casa de Cora Coralina que foi responsável pelo datilografia dos poemas.

² Vale lembrar que a primeira edição se perdeu e a segunda é uma versão xerocopiada, uma vez que a original pertence a uma biblioteca particular.

critos, os demais podem ser consultados na Fundação Casa de Cora Coralina na cidade de Goiás.³

Memórias da infância

Entre as quatro folhas
de minha mãe
Ocupi sempre o pior lugar.
Dicas me precederam;
Virem lindas e ornamentadas.
Dizia ser a última, me intanto
Vio outra
Que ficou sendo a caçula.

Quando nasceu meu velho pai
agonizava e logo após morreu.
Cresci filha sem pai.
Teve clausura na infância das irmãs.

Eu era uma criança
feia, miserosa e triste;
amarela, de olhos empapucados,
chorona, de pernas moles
caindo atôca.

De que assim me veiam,
Diziam:

Era menor
É o retrato vivo do velho deante;

Tinha medo das histórias
Que havia contas,
De almofar peruchas
do outro mundo e do capeta.

Tinha a perna mole
e os olhos sempre
machucados
de vento que caíam.

Companhia indeluzível
sempre pronta
e sabia com minhas irmãs,
Cora de ~~as irmãs~~
e os irmãos que tinham folgada
para subirem juntas
e me elevarem, rezando
sempre em casa.

Minha mãe era meiga,
havia os olhos

Não ficava para mim,
nem mesmo para as outras.
Caçula feita a caçula
que chorava.

Eu era triste, nervosa e feia;
era chorona,
de perna mole, caindo atôca,
amarela, de olhos empapucados.
Um velho tio que assim me via
(Porém, por medo de um tio), dizia:
Essa filha de Teófilo, castada,
é idiota. Melhor para não
nã ter nascido.

É sempre a inferioridade
me tolheu.

É foi assim, sem suéter
que me acomodou
na mediocridade
do meu Ducto.

Cora Picta

Em 10 de outubro de 1958

³ As transcrições foram feitas durante uma pesquisa de Crítica Genética em um PBIC da UEG.

Trate chorona e feia.
Retrato vivo de um velho deante
sem carinhos de mãe
sem proteção de pai
Melhor para não ter nascido.

Manuscrito do poema Minha Infância – 1ª. Versão.

eram os quatro as filhas de minha mãe
 Entre elas, eu fui sempre a que sempre
 Fiquei ser a última, no entanto
 Não outra que ficou sendo a única
 Quando eu nasci, meu pai sempre e meu lugar
 Deu-me a última, no entanto
 Não outra que ficou sendo a única
 Quando eu nasci, meu pai sempre e meu lugar
 Deu-me a última, no entanto
 Não outra que ficou sendo a única

Minha mãe era sócia
 Nunca se esqueceu de falar, com ela eu sou
 Quando se fala de coisas, mas não de coisas
 que estavam e de coisas de coisas

Tinha muito das histórias de sua mãe
 Eu nasci entre as coisas e fui
 De coisas, mas não de coisas
 Quando se fala de coisas, mas não de coisas
 que estavam e de coisas de coisas

Tinha se perguntado, mas não de coisas
 e as coisas de coisas, mas não de coisas
 de coisas, mas não de coisas
 Quando se fala de coisas, mas não de coisas
 que estavam e de coisas de coisas

Quando se fala de coisas, mas não de coisas
 sempre pronta a falar com coisas de coisas
 e coisas de coisas, mas não de coisas
 era de coisas de coisas, mas não de coisas
 e as coisas de coisas, mas não de coisas
 para coisas de coisas, mas não de coisas
 e coisas de coisas, mas não de coisas
 sempre em coisas, mas não de coisas
 Quando se fala de coisas, mas não de coisas
 sempre pronta a falar com coisas de coisas
 e coisas de coisas, mas não de coisas
 era de coisas de coisas, mas não de coisas
 e as coisas de coisas, mas não de coisas
 para coisas de coisas, mas não de coisas
 e coisas de coisas, mas não de coisas
 sempre em coisas, mas não de coisas

Deu-me a última, no entanto
 Não outra que ficou sendo a única

Manuscrito do poema Minha Infância – 2ª. Versão.

Minha vida minha infância
 (Nascida)

Éramos quatro as filhas de minha mãe.
 Entre elas eu sempre o meu lugar.
 Duas me precederam,
 duas tardas e mudadas.
 Deixa ser a última,
 no entanto veio outra que ficou sendo a única.

Quando eu nasci, meu pai sempre e meu lugar
 Deu-me a última, no entanto
 Não outra que ficou sendo a única

Eu era triste nervosa e feia.
 Amarela de posto empapado
 De pessoas molles, eu não atoa.
 Os que assim me viam diziam
 Essa menina é o retrato vivo
 do velho pai doente.

Tinha muito das histórias
 que ouvia então contar;
 assombrava-me, mas não de coisas
 de coisas, mas não de coisas

de tanto que caía
 2

Caía atoa.
 Caía nos degraus,
 caía no lago do arvore.
 Chorava, ~~de tanto~~ infelizmente.
 De dentro a casa eu mandava
 - Levanta moleirona.

Caía sempre
 minha pernas finas, inseguras,
 desequilibradas
 gritava, belamava, gemia.
 De dentro a casa eu mandava
 Levanta pandorga.

Caía atoa...
 nos degraus da escada.
 Caía no lago do arvore.
 Chorava, ~~de tanto~~ belamava
 De dentro a casa eu mandava
 Levanta perna mole.

É a pandorga moleirona, perna mole

2ª. Versão	3ª. Versão
<p>Tinha medo das histórias que havia (sic) então contar de lobishomem (sic) almas penadas do outro mundo e do capeta. Tinha pernas moles e os joelhos sempre machucados de tanto que caía.</p>	<p>Tinha medo das histórias que ouvia então contar: assombração, lobishomem, mula sem cabeça(sic) almas penadas do outro mundo e do capeta Tinha as pernas moles E os joelhos sempre machucados, feridos, esfolados de tanto que caía.</p>

Como se nota, da segunda para a terceira versão há acréscimos das palavras “assombração, mula-sem-cabeça, feridos e esfolados”. Já as 5ª., 6ª., 7ª. e 8ª. estrofes são novas, uma vez que não aparecem em nenhuma versão anterior. Entretanto, observa-se que na 5ª. estrofe, há rasuras em cima do verbo “reclamava, na 6ª. estrofe o adjetivo “moles” foi acrescido no segundo verso; no quarto verso da sétima estrofe a forma verbal “implorava” foi substituída por “chamava” e no quinto verso, o verbo “comandava” foi trocado por “impacientava”. Já a nona estrofe corresponde à quarta estrofe da terceira versão. A poeta resgatou o verso da segunda para a quarta. A 10ª. estrofe também não aparece nas versões anteriores, mas, como veremos a seguir, surge no texto publicado.

Continuando as verificações das transformações do poema, percebe-se que a 11ª. estrofe corresponde à 5ª. da terceira versão, diferenciando somente a colocação do quarto verso “que adorava” no 3º. da 3ª. versão. Já a 12ª. estrofe corresponde à 8ª. da terceira versão com o acréscimo do adjetivo “chorona” antes do verso “amarela de rosto empalamado”, tal verso também sofreu alteração, pois nas versões anteriores, ao invés do adjetivo “empalamado” tem-se o adjetivo “empapuçado”. A 14ª. Estrofe não aparece em nenhuma das versões anteriores. Examina-se, no entanto, que apresenta dúvidas quanto à questão da elaboração do verso, pois fica entre “criada a chineladas” e “criada à moda antiga”., uma vez que a expressão “moda antiga” aparece sobreposta ao vocábulo “chineladas” sem que este esteja riscado. A penúltima estrofe da terceira versão se assemelha à da segunda, diferenciando-se por uma modificação nos 2º. s e 3º. s versos pela troca

dos substantivos “olhos” por “rosto”, acarretando a passagem do substantivo “empapuçados” para o singular” e pela presença do substantivo “pai” no 6º. verso, embora tal vocábulo tenha sido riscado. E, finalmente, no último verso da 3ª. versão diferencia –se do anterior pelo fato de possuir duas estrofes ao invés de uma.

Em nosso percurso analítico, compararemos os manuscritos com a obra entregue ao público. Assim, no tocante à publicação, observa-se que o título da terceira versão: *Minha vida* foi substituído para *Minha infância* e, nota-se que no texto publicado houve algumas alterações gramaticais. Examinemos:

3ª. versão	Texto publicado
<p>Eramos (sic) quatro, as filhas de minha mãe. Entre ellas (sic) ocupei o pior lugar. Duas me precederam. Eram lindas e mimadas. Devia se a ultima no entanto veio outra que ficou sendo a caçula.</p>	<p>Éramos quatro as filhas de minha mãe. Entre elas ocupei sempre o pior lugar. Duas me precederam – eram lindas, mimadas. Devia ser a última, no entanto, Veio outra que ficou sendo a caçula.</p>

Como se nota, na versão publicada, houve a redução dos versos que, de seis passaram a cinco, bem como alterações na pontuação e na acentuação e o pronome pessoal, *ellas*, certamente, em desuso, foi trocado por *elas*, do português atual. Já o quarto verso do manuscrito passou a ser o terceiro do texto publicado. E o travessão surgiu, subindo, o quarto verso do manuscrito para o terceiro do editado e o advérbio “no entanto”, passou a finalizar o quarto verso.

Na segunda estrofe, tem-se a substituição do vocábulo “agonizava” por “agonisava” que aparece na terceira versão. No segundo verso tem-se a eliminação do “e”, desnecessário para designar a continuidade entre os fatos narrados, uma vez que o advérbio “logo após” cumpre tal função. Já as 3ª e 4ª. estrofes da terceira versão, tornaram-se uma do texto publicado. Além disso, recebeu várias modificações como a troca dos vocábulos “empapuçado pelo “empalamado” e “histórias” por “estórias”. Observa-se também, nas estrofes analisadas que houve algumas correções na pontuação como a colocação do travessão antes do verbo “diziam” e

no início do 5º. verso, que além do travessão também recebeu aspas. Vejamos nos versos seguintes:

3ª. Versão	Texto publicado
Os que assim me viam diziam: Essa menina é o retrato vivo do velho pai doente.	Os que assim me viam – diziam: “- Essa menina é o retrato vivo do velho pai doente”.

Verificando-se as 3ª. e 4ª. estrofes da versão manuscrita correspondente à 3ª. do texto entregue ao público, tem várias colocações de vírgulas como entre os adjetivos “triste” e “nervosa” e após o adjetivo “amarela” e a colocação do “então” entre vírgulas. Nota-se também a correção da expressão “atôa” para “à toa”. No que era o 3º. verso da 4ª. estrofe no manuscrito e nono verso da 3ª. estrofe do texto publicado, temos a correção do vocábulo “lobishomem” para “lobisomem”. Verifica-se ainda a colocação do hífen no substantivo “mula-sem-cabeça”. Examinado a ordenação dos versos, vê-se que a expressão “e do capeta” que aparecia no manuscrito como verso, passou, no texto publicado a fazer parte do verso anterior: “Almas penadas do outro mundo”, ficando, então, como “almas penadas do outro mundo e do capeta”. O 7º. verso da 3ª. versão “e os joelhos sempre machucados, feridos, esfolados” perdeu as expressões “feridos, esfolados”, no texto entregue ao público, temos a colocação do ponto final, acarretando a iniciação do verso “De tanto que caía” em letra maiúscula. E o verso “Caía à toa”, que iniciava a 5ª. estrofe da terceira versão do manuscrito, passou a ser o último verso da 3ª. estrofe do poema acabado.

A 5ª. estrofe da terceira versão corresponde à 4ª. do texto pronto e apresenta correções ortográficas dos vocábulos: “caía”, “degraus”, “lajeado” e “moleirona” que no manuscrito aparecem “caia”, “degraus”, “lagêdo” e “moleirôna”

Acredita-se que Cora Coralina, embora não tenha rasurado várias vezes seu manuscrito, fez a atualização da ortografia além de incluir novas escolhas lexicais. Vejamos outra estrofe do poema que nos autoriza tal assertiva:

3ª. versão	Poema publicado
Caia sempre minha (sic) pernas moles finas, inse-	Minhas pernas moles desajudavam. Gritava, gemia.

<p>guras, desajudavam gritava, reclamava, gemia. De dentro a casa respondia Levanta pandorga.</p>	<p>De dentro a casa respondia: " – Levanta , pandorga".</p>
---	---

Examinemos, a seguir, o texto publicado:

<p>MINHA INFANCIA (Freudiana) Éramos quatro as filhas de minha mãe. Entre elas ocupei sempre o pior lugar. Duas me precederem – eram lindas, mimadas Devia ser a ultima, no entanto, Veio outra que ficou sendo a caçula</p> <p>Quando nasci meu Pai agonizava, Logo após morria. Cresci filha sem pai, Secundaria na turma das irmãs.</p> <p>Eu era triste, nervosa e feia. Amarela, de rosto empalamado. De pernas moles, caindo a toa. Os que assim me viam – diziam: - Essa menina e o retrato vivo do velho pai doente. Tinha medo das estórias Que ouvia, então, contar: Assombração, lobisomem, mula-sem-cabeça. Almas penadas do outro mundo e do capeta. Tinha as pernas moles E os joelhos sempre machucados, Feridos, esfolados De tanto que caía.</p> <p>Caía a toa Caía nos degraus. Caía no lajedo do terreiro Chorava, importunava De dentro de cãs comandava: - Levanta, moleirona.</p>	<p>Companhia indesejável – sempre pronta a sair com minhas irmãs, era de ver as arrelias e as tramas que faziam para saírem juntas e me deixarem sozinha, sempre em casa.</p> <p>A rua... a rua!... (Atração lúdica, anseio vivo da criança, Mundo sugestivo de maravilhas descobertas) - proibida as meninas do meu tempo. Rígidos preconceitos familiares, Normas abusivas de educação - emparedavam.</p> <p>A rua. A ponte. Gente que passava, O rio mesmo, correndo debaixo da janela Eu via por um vidro quebrado, da vidraça Empanada.</p> <p>Na quietude sepulcral da casa, Era proibida, incomodava, a fala alta, A risada franca, o grito espontâneo, A turbulência ativa das crianacas.</p> <p>Contenção... motivação... Comportamento estreito, Limitando, estreitando exuberâncias, Pisando sensibilidades. A gesta dentro de mim... Um mundo heróico, sublimado, Superposto, insuspeitado,</p>
---	---

Minhas pernas moles desajudavam.
Gritava, gemia.
De dentro de casa respondia:
- Levanta, pandorga.

Caia a toa...
Nos degraus da escada,
No lajeado do terreiro,
Chorava. Chamava. Reclamava.
De dentro a casa impacientava:
- Levanta, perna-mole...

E a moleirona, pandorga, perna-mole,
Se levantava com seu próprio esforço.

Meus brinquedos...



Coquilhos de palmeira.
Bonecas de pano.
Caquilhos de louca
Cavalinhos de forquilha
Viagens infundáveis...
Meu mundo imaginário
Mesclado a realidade.
E a casa me cortava: menina inzoneira!
Eu era triste, nervosa e feia.
Chorona
Amarela de rosto empalamado,
de pernas moles, caindo a toa.
Um velho tio que assim me via:
- dizia:
- Esta filha de minha sobrinha e idiota.
Melhor fora não ter nascido!

Melhor fora não ter nascido...
Feia, medrosa e triste
Criada a moda antiga,
- ralhos e castigos.
Espezinhada, domada.
Que trabalho imenso dei a casa.
Medir e desmedir.
E me fazer tão outra
Diferente,
Do que eu deveria ser.

Misturado a realidade.

E a casa alheada sem presentir a
gestação...

Acrimoniosa repisava:

- Menina inzoneira!

O sinapismo do ablativo

Queimava.

Intimidada, diminuída. Incompreendi-
da.

Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.
Repreensões ferinas, humilhantes.

E o medo de falar...

E a certeza de estar sempre errando...

Aprender a ficar calada.

Menina abobada, ouvindo sem res-
ponder.

Daí o fim da minha vida,

Esta cinza que me cobre...

Este desejo obscuro, amargo, anár-
quico

de me esconder,

mudar o ser, não ser,

sumir, desaparecer,

e reaparecer

numa anônima criatura

sem compromissos de classe, de famí-
lia.

Triste, nervosa e feia.

Amarela de rosto empapuçado.

De pernas moles, caindo a toa.

Retrato vivo de um velho doente.

Indesejável entre as irmãs.

Sem carinho de Mãe.

Sem proteção de Pai,

- melhor fora não ter nascido.

E nunca realizei nada na vida.

Sempre a inferioridade me tolheu

E foi assim, sem luta, que me acomodei

Na mediocridade do meu destino.

Como se observou, não houve, de fato, modificações conteudísticas entre a última versão do poema e a obra entregue ao público. Merece ser ressaltada, contudo, a importância da crítica textual para o resgate da originalidade dos textos. Isso porque, muitas vezes, com o intuito de “melhorar” determinadas obras, os revisores, ou mesmo os editores fazem mudanças substanciais nas mesmas, desconfigurando-as.

Depois de todas essas considerações, provisoriamente, pode-se concluir que o trabalho ora apresentado possui como maior preocupação o entendimento, ainda que de forma didática, dos fundamentos da crítica textual, com o intuito de esclarecer alguns aspectos sobre esta linha de pesquisa. Assim, apresentou-se uma comparação de um dos originais coralineanos, tendo em vista sua aproximação com a sua segunda edição,, com o intuito de compreender melhor o mecanismo deste tipo de análise. Ressalta-se, entretanto, que esta é uma pesquisa embrionária que será verticalizada, posteriormente tanto do ponto de vista teórico quanto do analítico, uma vez que nosso propósito com tal enfoque se sustenta na perspectiva do desenvolvimento de outros trabalhos contempladores da Crítica textual. Isso porque, acreditamos que por esse viés, muito se poderá colaborar com novas leituras sejam coralineanas ou não.

Bibliografia

BRITTO, Clóvis. *Escritora e escritura: itinerários de uma comunicação artística*. (Texto inédito), 2007.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CORA CORALINA. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 2. ed. São Paulo: José Olympio, 1965.

_____. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 14. ed. São Paulo: Global Editora, 1984.

_____. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 20 ed. São Paulo, Global, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

CURADO, Maria Eugênia; OLIVEIRA, Lílian Rodrigues de. *O processo de criação em Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de Cora Coralina*. Projeto de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Goiás. Trabalho inédito, 2007

PERUGI, Maurizio; SPAGGIARI, Bárbara. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.

SANTOS, Wendel. O universo imaginário de Cora Coralina. In: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de Cora Coralina* . 14. ed. São Paulo: Global Editora, 1984.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária do século XX*. Tradução de Wilma Freitas Roland de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.